

2014

MUNDO DOS PASSATEMPOS TORNEIO DOMINGOS CABRAL

CLUBE DE DETECTIVES
DANIEL FALCÃO (ORG.)

<http://clubededetectives.net>

FICHA TÉCNICA

Título: MUNDO DOS PASSATEMPOS
TORNEIO DOMINGOS CABRAL

Organização: Daniel Falcão

Data da edição: Janeiro de 2014

Editor: Clube de Detectives

E-MAIL: clubededetectives@gmail.com

URL: <http://clubededetectives.net>

ÍNDICE

PROVA Nº 1	
O mistério não folga! (Jartur Mamede)	7
PROVA Nº 2	
Caçada nocturna (Figaleira)	15
PROVA Nº 3	
Um álibi irrefutável (Marvel)	23
PROVA Nº 4	
A morte de Aníbal Caldeira – o banqueiro (Sete de Espadas)	29
PROVA Nº 5	
Sonho ou pesadelo? (Daniel Falcão)	35
PROVA Nº 6	
O Inspector Fidalgo e o morto no Ribatejo (Luís Pessoa)	41
PROVA Nº 7	
O mistério do relógio de cuco (Rip Kirby)	47
PROVA Nº 8	
Sorte rima com morte (M. Constantino)	55
CLASSIFICAÇÕES	63

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

PROVA Nº 1

O MISTÉRIO NÃO FOLGA!

Original de JARTUR MAMEDE

Aproveitando o fim-de-semana prolongado, eu, o Marcos Dias e o Sub-Inspector Aranha, magníficos membros do Clube Aranhaço, resolvemos ir passar uns dias ao Algarve.

Cada um de nós tinha o seu programa, previamente estabelecido, e só nos encontraríamos no restaurante, cerca das treze horas, para almoçarmos juntos. No entanto, logo no segundo dia, isto é, no sábado, o Aranha chegou com enorme atraso.

Segundo nos disse, encontrara, na noite anterior, numa discoteca, um antigo companheiro da tropa, que era dono desse estabelecimento e de uma cadeia de casas similares, instaladas por toda a costa algarvia. Assim, e depois do seu amigo Martins lhe fazer as honras da casa e o apresentar a umas colaboradoras, ficara lá a desfrutar do calor da noite e acabara por ir pernoitar, bem acompanhado, no iate do camarada, onde acabara de almoçar com a sua parceira de camarote.

Nessa tarde, porém, iria estender-se na praia, a descansar e a reflectir um pouco, visto que durante a noite queria andar bem acordado e atento, pois suspeitava, por conversas lacónicas e enigmáticas que escutara durante as suas deambulações nocturnas da véspera, que nessa tarde teria chegado, à região, uma importante remessa de droga.

– Não te metas nessas coisas! – disse Marcos Dias, tentando dissuadi-lo. – Limita-te a alertar para o facto os teus colegas da zona...

– Estás doído, pá?!... Então eu ia servir-lhes de bandeja um pitéu tão apetitoso?... O caso está de caras, pá! Não tenho nada a perder, e um êxito desta natureza, em dia de folga e no campo do adversário, contará muito para a minha carreira.

Esclareceu-nos, mas não nos convenceu, que a missão não comportava riscos, visto que não iria agir operacionalmente, mas sim observar discretamente, pesquisar na sombra, quase só com os ouvidos, de forma a poder fundamentar um relatório que lhe assegurasse êxito e lhe valesse a almejada promoção.

– Os gajos não sabem quem eu sou, pá! Fiquem descansados que amanhã não chegarei atrasado para o almoço. E, se precisar da vossa ajuda, eu lanço-vos um SOS e confio nos vossos dotes detectivescos. Prometeu, com ironia, e afastou-se, sorrindo.

No dia seguinte... ele não chegou atrasado. Pior ainda. Nem sequer chegou!... Por isso, fartos de o

esperar e preocupados com a sua ausência, fomos procurá-lo ao seu quarto. Porém, não o encontramos e a empregada do aldeamento disse-nos que a cama não fora utilizada, encontrando-se a habitação tal como ela a deixara no dia anterior. Intrigados com o facto, metemo-nos no “Mercedes 300SL” do Marcos e fomos à discoteca que o Aranha nos referira perguntar ao dono, o tal Martins, se sabia onde poderíamos encontrar o amigo.

– Não! – respondeu: - E confesso que também estou a ficar preocupado, pois o Aranha ontem pediu-me que o deixasse ir passar umas horas no meu apartamento, com uma “sueca”, e ainda não voltou para me devolver a chave. Já liguei para lá umas duas ou três vezes; aliás, ainda agora o fiz, mas ninguém atende o telefone.

Depois, disse-nos que estava à espera de uma chamada telefónica da Holanda, motivo por que não nos poderia acompanhar, mas indicou-nos a localização do apartamento e forneceu-nos uma chave.

Em poucos minutos, chegámos ao local indicado. O apartamento, afinal, era uma casa tipicamente algarvia, grande e isolada, implantada num amplo terreno que se estendia até à praia. Por cima do muro de vedação e da vegetação baixa que o acompanhava, via-se que estava, no caminho de acesso à moradia, o “Escort” que o Aranha alugara no aeroporto.

A cancela exterior estava fechada apenas pelo trinco e para entrar na casa também não precisámos de chave, porque a porta estava entreaberta. Como ninguém respondeu aos nossos chamamentos nem ao toque da campainha que accionámos com insistência, entrámos, cautelosamente, e fomos logo surpreendidos pelos pingos de sangue que se viam no chão da sala de estar e através das duas portas de ligação a outros compartimentos. Cada um de nós seguiu as marcas num sentido. Fui parar num quarto e imediatamente me apercebi da desarrumação reinante, com roupas e objectos pelo chão, também atingidos por sangue, como se ali tivesse havido luta.

– Jartur!... – berrou, de súbito, o meu amigo Marcos e eu corri para o aposento de onde me parecera ter partido o grito e que estava no seguimento das marcas de sangue.

Era um amplo escritório, bem mobilado e equipado, e onde o nosso amigo Aranha se encontrava, inerte e bastante ensanguentado, sentado numa cadeira de braços e caído contra a mesa da máquina de escrever, na qual os seus dedos, também ensanguentados, haviam deixado marcas no teclado.

Confirmámos que ele mantinha sinais de vida. Cuidadosamente, estendemos o corpo na alcatifa e, numa rápida apreciação, reparámos que exhibia vestígios de dois tiros – um no peito, outro nas costas.

Marcos Dias iniciou os primeiros socorros indicados para o caso e eu procurei um telefone, que encontrei caído a um canto, com os fios rebentados. Rapidamente, improvisei uma ligação das pontas soltas. Confirmada a eficácia da reparação, marquei o 115 e transmiti o urgente e indispensável apelo.

Enquanto os socorros não chegavam e o Marcos assistia o nosso amigo, procurei, sem êxito, alguma arma ou indício que pudesse ser útil na investigação que se impunha.

Observando agora, mais atentamente, a máquina de escrever, vi que era uma “Brother” igual à que tínhamos no Clube do Aranhaço. E reparei que estava ligada, encontrando-se acesa a luzinha que indicava a actuação da escrita centralizada. Não tinha qualquer folha de papel introduzida, mas apresentava vestígios de que o papel ali estivera e que fora arrancado desastrosamente. Na realidade, via-se, sobre o negro do rolo, uma marca de sangue que me parecia ser de uma impressão digital, interrompida no sentido vertical, para a esquerda, como se a parte que lhe faltava tivesse sido impressa no papel que fora retirado.

Examinando o cesto dos papéis inúteis, ali encontrámos uma folha, bastante amarfanhada e com um texto algo enigmático:

PEDE NOTÍCIAS A ESTA E A OUTRA

Aquilo tinha, sem dúvida, sido escrito pelo Aranha, pois encontravam-se, manchadas de sangue, as teclas correspondentes e mais umas tantas, cujos caracteres não se encontravam marcados no papel, ao qual faltava um pequeno canto inferior, que ficara preso no dispositivo encaminhador das fitas.

Reflecti que o Aranha, pressentindo a morte, resolvera deixar uma mensagem denunciadora. E reli o enigmático pedido. Voltei a olhar a máquina de escrever e, ao ver de novo a luzinha verde, fez-se luz... Coloquei uma folha nova no carreto da máquina, premi a tecla que indicava PTI e, automaticamente, a máquina começou a bater um texto. Terminado este, retirei a folha e constatei que o enigma era ainda maior, pois o texto não apresentava qualquer espaço nem nexos:

BUFKTYSGRRTDYUÇTERSTGTQHJAT

Entretanto, chegara o piquete da Judiciária e a Emergência Médica. O Aranha sobreviveria.

Marcos Dias e o Insp. Boavida, enquanto o restante pessoal do piquete trabalhava à nossa volta, também ficaram intrigados com o papel que lhes entreguei e com as diligências que sugeri.

PERGUNTA-SE: O que lhe parece este mistério? Apresente o seu relatório.

(É verdade! Um mês depois, o Aranha, já de boa saúde, foi promovido a Inspector.)

Mundo dos Passatempos – O Almeirinense de 1 de Setembro de 2007

SOLUÇÃO

(extractos das soluções de Daniel Falcão, Medvet e Nove)

...Jartur Mamede voltou-se para a máquina de escrever “Brother”, igualzinha à que existia no “Clube do Aranhão”. Nesta, uma luzinha indicava, como ele muito bem sabia, a actuação da escrita centralizada. Todavia, a máquina não tinha qualquer folha introduzida no carroto, se bem que houvesse vestígios de que uma folha ali estivera.

Sobre o negro do rolo, via-se uma marca de sangue, que parecia ser uma impressão digital, interrompida no sentido vertical, para a esquerda, como se a parte que lhe faltava tivesse sido impressa no papel que fora retirado. Após reflectir um pouco, Jartur Mamede admitiu que o amigo Aranha teria colocado uma folha no carroto e que, ao acerta-la, colocou parcialmente o dedo sobre o carroto e sobre a folha, para mostrar que a folha que ali estivera constituía uma pista para a decifração do que acontecera. Se assim era, a folha em causa deveria estar em qualquer lado. Mas onde?

Lembrou-se de examinar o cesto dos papéis, onde encontrou uma folha bastante amarfanhada e com a mensagem seguinte:

PEDE NOTÍCIAS A ESTA E À OUTRA

Não havia qualquer dúvida quanto ao autor daquela mensagem, pois a folha estava manchada de sangue, assim como as teclas correspondentes às letras, bem como outras, cujos caracteres não se encontram marcados no papel. O que significaria aquela mensagem – “Pede notícias a esta e à outra”? Seria necessário decifrar esta mensagem e uma outra mensagem? Mas que notícias nos poderia esta mensagem dar e onde estaria a outra mensagem?

Foi nessa altura que o Jartur Mamede se lembrou da luzinha verde que estava acesa. Colocou, então, uma folha nova no carroto, premiu a tecla que indicava PTI e, automaticamente, a máquina electrónica começou a bater o texto. Era uma nova mensagem, se bem que esta não apresentasse qualquer espaço entre letras nem qualquer nexo:

BUFKTYSFGRTDYUÇTERSTGTQHFJA

Jartur Mamede observou que algumas das letras presentes nesta mensagem coincidiam com as letras ausentes da primeira mensagem, mas que estavam manchadas na máquina de escrever. Era esta a sua mensagem. Então, fez-se luz!..

A primeira parte da primeira mensagem (isto é, “pede notícia a esta”) estava cumprida. Ele pedira

notícias a esta máquina, ao premir a tecla PTI, obtendo como resultado a segunda mensagem. A segunda parte da primeira mensagem seria decifrada mais tarde; ou seja, o “e a outra” significava recorrer a outra... máquina de escrever.

Lembrei-me que a máquina que tínhamos no Clube do Aranhaço era do teclado português HCESAR, uma das excentricidades de Salazar, criado para a língua portuguesa, por volta de 1937. A máquina no escritório do Martins (“aquele escritório estava servido pelo mais moderno equipamento para a época”) tinha o teclado AZERTY. Se alguém dactilografar, sobre o teclado AZERTY, a sequência de letras BUFKTYSFGRTDYUÇTERSTGTQHFJAT, tal corresponde a dactilografar, sobre o teclado HCESAR, o seguinte:

FOI MARTINSADROGAESTANAQUILHA;
isto é – FOI MARTINS(.) A DROGA ESTA(Á) NA QUILHA(.)

Deste modo, Aranha informou os investigadores de que: (a) fora Martins o responsável por aquilo que lhe aconteceu; (b) se confirmava o negócio de droga e que (c) esta se encontrava escondida na quilha do iate do seu antigo companheiro de tropa.

Este (Martins) dissera, sem que lhe perguntassem, que “já liguei para lá umas duas ou três vezes (aliás, ainda agora o fiz), mas ninguém atende o telefone”. E, por isto, Jartur facilmente concluiu que o Martins lhe tinha mentido. Se, de facto, tivesse telefonado, como afirmara, tendo os fios sido rebentados, não receberia como retorno o sinal de chamada, nomeadamente, na tentativa de contacto mais recente, feita pouco tempo antes de ser contactado na discoteca pelos “Aranhaços”. O sinal que retornaria seria suficiente para se aperceber que alguma coisa de errado podia estar a acontecer e não ficar-se pelo simplista “mas ninguém atende o telefone”.

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 15 de Outubro de 2007

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

PROVA Nº 2

CAÇADA NOCTURNA

Original de FIGALEIRA

Após 54 anos de actividade profissional e 48 de descontos (ainda não há muito foi adoptada designação mais enfática: carreira contributiva), “Mêbêdê” entrou na jerarquia dos aposentados. Desde então, a par das diárias andadas (no mínimo, duas horas a caminhar) e assistência aos (cinco) netos (em especial, aquando das férias escolares), tem diligenciado manter a ginástica mental iniciada em meados do século transacto (embora, ultimamente, problemas de visão estejam a dificultar tal propósito); também usufruindo dilatados períodos na aldeia das origens – cuja mais recente visita começou no dia do “tríparo 07”.

Localizada no fundo de um vale, rodeada de montes arborizados, na povoação o tão apregoado “choque tecnológico” parece de “complicadex” abrangimento, sobretudo dadas as deficientes condições receptivas. Na televisão, pelo sistema normal, tão-só são captados os dois emissores estatais (os outros apenas por cabo, via satélite, com custos de instalação muito elevados e, por isso, unicamente são visíveis no café do Zeca) e, quanto a telemóveis, é constante a procura de sítios onde o aparelho consiga ligação (mesmo assim, amiúde ficando sem rede a meio do diálogo).

Mas, em contrapartida, os ares são despoluídos, as sombras aprazíveis, as águas virgíneas (isto é, sem gustação anti-séptica), sendo quase geral a fraterna convivência (antes, dia e noite, as chaves ficavam nas portas, pelo lado de fora; agora não acontece tanto assim – precatadamente, ao crepúsculo, são recolhidas). E, na época de veraneio, então, na ribeira que a beija, é estabelecida uma praia fluvial, com cerca de duzentos metros de extensão, propícia a refrescantes mergulhos e sequentes banhocas, para gáudio dos locais e daqueles que, vindos de lugares vizinhos, lhe transmitem o cariz de romaria.

Dissimulado e silencioso, aproveitando as zonas obscuras procedentes da ténue iluminação na via pública, o vulto avançou com presteza. Franqueada a cancela de acesso à propriedade, dirigiu-se à arrecadação onde sabia haver a entrada para o anexo em que estavam galinhas e coelhos. Experimentou o trinco da porta; em vão – estava fechado à chave e esta fora levada.

Nessa altura, a amplificação sonora da torre difundiu as onze badaladas do relógio instalado na sacristia da igreja matriz, circunstância aproveitada para insistente abanicar da porta, na suposição de eventual cedência, o que não sucedeu. Extinto o som da última pancada, pressentindo ligeiro restolhar,

quedou-se à escuta, num derramado aguardamento; todavia, no sossego da cálida noite, constituía excepção ouvir-se o coaxar das rãs junto à ribeira, de onde conjecturar que o esbatido rumor fora originado por cão vadio ou bicharoco rastejante, em deambulações noctívagas.

Assim, depois de acautelada pausa em expectativa, pisando a terra mole (devido à rega diária feita ao anoitecer, a fim de revigorar os produtos hortícolas dos efeitos da canícula), com a ajuda de pequena lanterna de bolso, acercou-se da janela da arrecadação, a qual presumia entreaberta para refrescar o local. Efectivamente, tal verificou, pelo que não teve dificuldades em a galgar – deixando marcas do calçado lamoso nos sacos de ração e adubo sob a mesma. De seguida, procedeu à fácil abertura da coelheira, trasladou anafado láparo para um saco de linhagem e pispou-se...

Na manhã da segunda-feira imediata à chegada, Mêbêdê encontrou o parente e amigo “Manel da eira” bastante sorumbático, tendo-lhe este transmitido que há pouco, ao preparar a alimentação dos animais, averiguara o desaparecimento, naquela noite, do melhor coelho; mais adicionando que, nos últimos tempos, esse género de furtos estavam a tornar-se frequentes, pois vários conterrâneos queixavam-se de idênticos rapinanços. E logo ele se esquecera de fechar a janela.

Ora, inoculado da prosápia de “estar por dentro” no referente a investigações policiais (meio século a ler narrativas e também na pesquisa clarificadora de enigmas desse teor facultam o pressuposto), Mêbêdê encetou diligências no sentido de intentar descobrir quem seria o motivador da situação. Daí, o seu “faro” levou-o até recôndita adega, deparando com três compinchas a banquetear-se com opíparo petisco (o cheiro fazia engolir em seco; aquilo deveria estar de “lamber a beíça”): “Tóino pipo”; “Xico d’avó” e “Jaquim meia-ó”.

Em jeito entediado, acercou-se da abertura e escogitou. Convidaram-no a entrar (o que fez de imediato, sem arrepsia), e “alinhar” no, segundo disseram, coelho guisado (aí escusou-se, argumentando ter acabado de almoçar). Efectuados os cumprimentos da praxe, inquiriu quem era o aniversariante, mas nenhum respondeu. Tentou estratégia alternativa: “ontem à noite estive no café do Zeca e não vos vi...”

“Tóino pipo” (o epíteto retrata a personagem: atarracado, convexo e “copofónico militante”) casquinou difusa risada, enquanto dizia: “Estivemos lá, pois! Até pesquei monumental “cardina” que raios me partam se alembro como fui parar à cama. Mas já recuperei; ultrapasso facilmente as ressacas e, pelos vistos, outra vem a caminho...”

“Xico d’avó” (fanhoso, atacado por uma daquelas constipações de Verão provocadoras de incessantes espirros e assoadelas, como era evidente) interrompeu-o: “Chíça! Quantas vezes é preciso esclarecer-te que te reboquei para o cimo da vila e ajudei a tua mulher a deitar-te”. E, voltando-se para

o indagador, acrescentou: “Saímos os três de lá por volta das nove horas, ainda estava a dar o Telejornal. Depois de pôr o meu vizinho em casa, dirigi-me à minha, preparei um café forte com aguardente e mel, procurando atalhar esta carraspana que parece enraizada e fiquei lá.”

Por sua vez, o “Jaquim meia-ó” (desde sempre caracterizado pela impoluta camisa branca, vincada calça preta e sapatos lustrosos, assecla ferrenho das coisas futebolísticas, castiço e chistoso no modo de falar), confirmando o horário indicado pelos parceiros (e as condições em que saíram), aditou: “Quando cheguei a casa, a “ti” Palmira (sua esposa) olhava a televisão, pusemo-nos à conversa; cerca das dez horas, ela alegou estar a sentir o efeito do comprimido para dormir e foi-se deitar. Como a programação de ambos os canais era xaroposa, aguardei a costumada meia hora para a “ti” Palmira ferrar no sono, e imitei-a. Entretanto, pretendi arejar à janela, ao escuro e, pouco depois das onze horas, vi uma sombra para os lados do “Manel da eira”, transportando um saco onde algo estrebuchava...”

E temendo por demais estendida a lengalenga, expressamente concebida com a finalidade de associar-me ao cinquentenário de “policarites” do prezado Amigo Domingos Cabral (que em tempos foi “aranhão” e agora está “anzolado”), “fecho a tenda”. No entanto, como “manda o figurino” (e prevendo que o coelho manjado pela trindade fosse o extorquido ao “Manel da eira”), questiono:

1 – Quem larapiou (obviamente, a prescrição terá de ser complementada através de consentânea justificativa).

2 – Ponderadas as circunstâncias descritas, acaso Mêbêdê granjearia hipótese de esclarecer o imbróglio?

Mundo dos Passatempos – O Almeirinense de 15 de Setembro de 2007

SOLUÇÃO

(extractos das soluções do Autor, Nove, Medvet, Daniel Falcão e Onáirda)

“Mêdêbê” chegou à aldeia no dia 07.07.07, o do “tríparo 07”. Era sábado.

A 2ª feira imediata foi, portanto, a de 09.07.07. Na manhã desse dia, “Manel da Eira” deu por falta do seu melhor coelho, que sabemos ter sido roubado na noite anterior, pouco depois das 23H00 (do Domingo 08.07.07).

Na altura do furto, decorria o jogo de futebol (ou estava no intervalo...) Portugal-Gâmbia, a decorrer no Canadá, para o Campeonato Mundial de Sub-20. Era um desafio decisivo para a nossa selecção e estava a ser transmitido pela RTP 1 – um dos canais que a generalidade dos habitantes da aldeia podia captar em casa.

Temos 3 suspeitos para o assalto à coelheira: “Tóino Pipo”, “Xico d’Avó” e “Jaquim Meia-Ó”.

“Tóino Pipo” saiu cerca das 21h00 do café do Zeca, com uma monumental piela, o que foi confirmado pelos seus dois companheiros. O “Xico d’Avó” garantiu que o meteu na cama (com a ajuda da mulher daquele), a qual, certamente, testemunharia o facto. Assim, pelas 23H00 de Domingo, estaria a dormir e não em condições de ir buscar o láparo, tanto mais que, mesmo que estivesse são, ser-lhe-ia difícil, com o seu físico baixo, atarracado, convexo, galgar a janela do telheiro.

“Xico d’Avó” também não teria sido o assaltante, porquanto, ao fim do dia de Domingo, já se encontrava com a enorme constipação que o obrigava a espirrar e a assoar-se constantemente, o que facilmente o denunciaria, no silêncio daquela noite).

Logo, e não só por exclusão de partes, como se verá, temos o “Jaquim Meia Ó” como culpado. Porque:

Não tem álibi aceitável e susceptível de comprovação. Nem a sua mulher pode garantir o que ele terá feito depois das dez e meia.

Manifestou alguma perturbação, sintoma de falsa declaração em curso para esconder uma ilicitude, ao falar da programação xaroposa de ambos os canais de televisão, exactamente no momento em que decorria a transmissão do Portugal-Gâmbia. Ora, sendo ele um entusiasta de futebol, com televisão em casa, muito se estranha que haja esquecido este jogo e, ainda, que não tivesse aproveitado a emissão como álibi. Quer dizer, atralhado, com algo para esconder, cometeu dois erros a propósito de um só acontecimento que muito lhe interessava; negou a sua ocorrência e esqueceu-se de o aproveitar como álibi.

Mostrou saber do furto da noite de Domingo sem que alguém se tenha referido ao assunto. A que

propósito (tem que se perguntar) se lembrou de falar de uma sombra “para os lados do “Manel da Eira”, pouco depois das onze? Tal referência motiva suspeição, por constituir menção desconexa, ao efectuar um relacionamento que nada alude ou sugere...

Mas há mais: a declarada visão da sombra (ou vulto?), no escuro, era muito pouco credível. A noite do roubo fora escura. A aldeia estava “encravada num vale, rodeada de arvoredos espessos, frondosos e altos e em que os raios solares costumam a entrar”, possuía ténue iluminação da via pública e, nessa noite, o ciclo lunar começara a fase de quarto minguante (às 16H54), não proporcionando, assim, luminosidade suficiente que lhe permitisse visionar, ao longe, uma sombra com um saco às costas... Mas ele afirmou que “viu” um saco de linhagem com algo lá dentro que estrebuchava!!! De resto, se houvesse boa visibilidade, não teria o ladrão necessidade de usar lanterna...

O aprumo em que normalmente “Jaquim Meia Ó” se apresentava não impede que tivesse usado, por ocasião do furto, vestimenta apropriada para as lides no campo. E, vivendo ali, numa aldeia, ele tinha, de certeza, roupa e calçado para tal fim.

Mundo dos Passatempos – O Almeirinense de 15 de Novembro de 2007

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

PROVA Nº 3

UM ÁLIBI IRREFUTÁVEL

Original de MARVEL

O dono da espelunca semi-clandestina acolheu a polícia com óbvias reservas, mas dispôs-se, pressuroso, a colaborar e esclarecer. “Até onde pudesse.” Não sabia nada do telefonema anónimo que alertara a esquadra para um gastador compulsivo, referenciado como sem cheta usual, a fainar ali na tasca; mas, de facto, aparecera, havia o seu bocado, um tipo – o Faneca, palrador e remexido, que juntara companhia a uma mesa e pagava rodadas.

– Tinha a língua solta e desabrida. Vi-me quase obrigado a mandá-lo ter modos um par de vezes; mas, enfim, é preciso olhar pela vida e ele lá pagar, pagava.

Outro dono, este de um quiosque, fora atacado à paulada e roubado, quando se aprestava a encerrar o estabelecimento, não longe dali. Acabara por morrer.

– Isso é mau, por cá não constou nada. Olhe, o Faneca é aquele, acolá.

– Há quanto tempo está ele aqui? O agente revia mentalmente um extracto do relatório médico preliminar: “... morte ocorrida entre as 22,15 e as 22,30, em consequência de hemorragia...”

– Não sei ao certo, mas seguramente que às 10 já cá estava. Calhou que olhasse o relógio.

– Ele ausentou-se alguma vez?

– Lá para uma mijá, ali atrás, isso foi. Agora, ir defronte, à Micas, dar a sua “rapidinha”, olhe, nem isso; posso garantir.

Aferroado, o Faneca:

– Algum tinhoso de merda, que não pode ver alguém abonado, quis tramar-me, hem? Pois terá notícias minhas. Aliás, estou a cismar num mânfio ou dois... Credo, como embirro com chibos! Até dói! O dinheiro nem é muito, mas é meu, ganho com o suor do rosto, que não ando às carteiritas nem ao fio de cobre. Que sei eu de pauladas e de mortes? Nadinha! Vejam lá os senhores guardas que não falta aqui gente da boa que me presta um álibi irrefutável, ou lá como vocês dizem. Não me mexo daqui há montes de tempo.

Pergunta-se:

- Será assim tão irrefutável o álibi do Faneca?
- Porquê?

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 1 de Novembro de 2007

SOLUÇÃO

O relatório médico preliminar documentou que a morte do dono do quiosque ocorrera entre as 22H15 e as 22H30, por hemorragia pós traumatismo craniano, devida às pauladas. Isto significa que o homem não morreu na hora em que levou as pauladas, mas sim mais tarde, em consequência destas, espaço de tempo esse dependente das lesões internas, fluxo de esvaimento sanguíneo e do tipo de lesões endocranianas. Logo, o “álibi” irrefutável não o seria assim tanto...

O “Faneca” entrou na tasca às 22H00 (o tasqueiro confirmou-o), manifestando desde logo um comportamento muito extrovertido – para que todos pudessem testemunhar a sua presença no local a partir daquela hora, certamente, já que, sendo ali conhecido, não foi referenciado que esse fosse o seu comportamento habitual... E, curiosamente, estando classificado como um “sem cheta usual”, começou a pagar rodadas...

Acabou por se trair, quando, ao falar de “pauladas” e “mortes”, evidenciou conhecimento de situações a que seria alheio, caso não tivesse estado no local onde se deu a agressão, tanto mais que, conforme comprovado pelo dono da tasca, sobre os acontecimentos que a Polícia acabara de lhe relatar, “por cá não constou nada” e que a narrativa dos mesmos tivera lugar longe dos ouvidos do Faneca, que se encontrava “acolá”... Porque, de facto, poderia ter ocorrido um acidente de outro tipo, uma agressão não mortal ou esta ter sido resultante de um tiro, de uma facada, etc. Mas ele sabia... E sabia que o acontecimento tivera lugar há pouco tempo, pois a sua presença na tasca (“não me mexo daqui há montes de tempo”) estava a ser usada como seu álibi...

Terá tido oportunidade para consumir a agressão e dirigir-se de imediato para a tasca, por esta ser “ não longe dali”... Recordemos que o dono do quiosque, além de atacado à paulada, fora roubado, e ele, um “teso” usual, tinha dinheiro... E, ainda sobre dinheiro, a referência ao “seu dinheiro”, ganho “com o suor do seu rosto”, abre uma janela de desconfiança para o facto dele saber que a agressão ao dono do quiosque fora complementada por roubo (ou efectuada com essa finalidade)... O seu comportamento extrovertido chamava a atenção sobre si... Por tudo isto, reclamava-se possuidor de um “álibi irrefutável”...

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 15 de Dezembro de 2007

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

PROVA Nº 4

A MORTE DE ANÍBAL CALDEIRA – O BANQUEIRO

Original de SETE DE ESPADAS

Uma vez, já lá vão muitos e muitos anos, lembro-me que, no célebre Café Martinho (hoje, um banco), onde, ao tempo, se reunia uma das mais numerosas e aguerridas Tertúlias da época, em conversa com o Joe Match – não sei se vocês se recordam dele e do seu perfil esguio, cabelos levemente alourados, de casaco axadrezado e sempre sobraçando milhentos “problemas de Rádio”, até chegar a essa formidável “invasão da Terra pelos marcianos”!... – dizia-me ele:

– “Sete”, fiz um problema que é uma espécie de sinopse de um grande relatório – assim como o extrair, de um texto grande, só o que “nos convém”!

– Já não é a primeira vez... respondi! Tens em “Um Crime a Bordo”, de Dennis Wheatley, o “clássico” do género: Cópias de telegramas... Relatórios... Apontamentos do agente investigador... Fotografias dos quartos... Inventários dos objectos... Fotografias de todos os suspeitos... Impressões digitais... Cabelos... Pontas de cigarros... Fósforos queimados... até chegares à própria confissão, escrita, do assassino...

– Não é bem isso, “Sete”!... Isso é demais para mim... O que pretendo é mais ou menos isto...

E, sem me dar tempo para mais, já estavam folhas de papel estendidas pelo amplo tampo de mármore da pesada mesa, onde as mãos esguias do Joe Match seguravam e garatujavam os seguintes elementos:

1) Aníbal Caldeira é um conhecido banqueiro que aparece morto, no seu gabinete, à 1 hora da madrugada de 9 de Abril...

2) Lualda, sobrinha, é quem dá com o corpo, quando vai desejar “boa-noite” ao tio...

3) O corpo está caído de costas, ao comprido, sobre a alcatifa, segurando na mão direita uma Star... com silenciador...

4) De cabelos em desalinho, face magra contraída, lábios fortemente cerrados, tem um orifício quase a meio da testa, sobre o sobrolho direito, de onde partia um fiozinho de sangue já coagulado...

5) Apesar da sua fortuna pessoal ser considerada significativa, os negócios do banqueiro – segundo investigações feitas – corriam mal...

6) Pelo testamento encontrado, era beneficiária a sobrinha, que retiraria 1/3 do “bolo” para o secretário e pequenos legados para os serviços...

Achei, quanto a mim, que a ideia estava a ser bem esquematizada e logo ele me atirou com novas “fichas” – a que pomposamente dava o título de “extractos dos interrogatórios”...

Cozinheira:

Esperava Lualda na cozinha, quando esta entrou a correr, gritando que o tio estava morto... Acordara depois o criado, participando-lhe o facto...

Criado:

Afirmara que o banqueiro estava vivo à meia-noite e meia hora, quando lhe fora levar o habitual cálice de “gin”, que o banqueiro sempre bebia antes de se deitar... Depois, ele próprio se fora deitar, só acordando quando a cozinheira o chamara...

Secretário:

Fora ao cinema... Regressara perto da meia-noite e encontrara Lualda no corredor, quando ela se dirigia para a casa de banho. Ele subira para o seu quarto, no primeiro andar... Mas, antes de subir, e ao passar pela porta do gabinete de Aníbal Caldeira, tivera a impressão de que qualquer coisa pesada caía... Ainda estivera para bater, mas, depois, pensara nas cenas do filme policial que vira e rira-se, por se julgar influenciado... Afinal... Só quando sentira grande reboição por toda a casa descera, tendo, então, a cozinheira, Lualda e o criado contado que o banqueiro estava morto... Telefonara imediatamente à polícia, visto que ainda ninguém o fizera... E fora, depois, ao gabinete da vítima, ver o corpo... Aí, encontrara aquele pedaço de vidro oblongo, que lhe parecera do relógio do patrão... (Não se confirmou.)

Aqui, olhámos um para o outro... Sorrimo-nos... Vários pormenores – aqueles pequenos nada que jamais passam despercebidos a qualquer “detective”... – faziam-nos pensar no “problema” que era a morte do banqueiro... e que esta fora um...

Deixei que o Joe arrumasse todas as suas folhas e “fichas” dispersas...

E... muitos anos depois – esta história passou-se, algures, no fim de uma tarde ventosa e húmida de Dezembro de 1948 e foi escrita em 1975 – cabe-me perguntar:

1 – Crime ou suicídio? Porquê?

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 1 de Dezembro de 2007

SOLUÇÃO

O nosso amigo Sete de Espadas organizou esta “Morte de Aníbal Caldeira – o Banqueiro” como um problema aberto e, por isso, não fez a solução oficial, dado que, com aqueles elementos, era possível optar, com suporte textual, por mais de uma hipótese de criminoso!

Criminoso (a, os), sim, pois de crime de tratava. E os elementos estão todos lá, sendo esses pormenores de ordem técnica (objectivos) os responsáveis pela perda de pontos de bastantes concorrentes.

O facto de não ter sido encontrada, no local do crime, a cápsula que a Star ejectou (pormenor que escapou a alguns – mesmo totalistas, já que acertaram nos outros todos), o aspecto do buraco de entrada da bala, a quase total “limpeza” da sala, a posição do corpo, a arma na mão (para mais com silenciador), a presença de um silenciador, a porta não fechada por dentro, o local de entrada do tiro, o aspecto da cara e da cabeça da vítima, um caco (apenas) de vidro (não pertencente ao relógio do morto)... tudo isto (pelo menos) indiciava e provava que não tinha sido suicídio (não nos é referido se a arma continha – ou não – impressões digitais).

Quanto ao criminoso, a maioria optou pelo Secretário, dado ele ter, aparentemente, mostrado que sabia demasiado, ao precipitar-se para chamar a polícia, sem se certificar de que o patrão estava (mesmo) morto e sem que, pelo texto, alguém lhe tivesse dito a causa da morte!

O Criado também recolheu uma boa dose de suspeição, por ter sido a última pessoa a vê-lo e o corpo ter sido descoberto com o sangue já coagulado, numa época do ano em que costuma estar frio. Esta dedução é feita com as reservas de não podermos saber quem fornece esse elemento (as pessoas que viviam em casa ou a polícia; logo, a que horas foi constatada a coagulação).

O facto de a cozinheira estar no seu posto à 1 hora e à espera da sobrinha da vítima, pareceu, também, muito suspeito. Daí, o cenário de uma cumplicidade (até total) ter sido sugerido...

Como muitos disseram, com tais declarações, todos tinham de ser, cuidadosamente, interrogados de novo, pois, como alguém disse, com tais elementos nenhum tribunal condenaria ninguém!

Numa coisa estamos todos de acordo – o móbil do crime: alguém quis fechar a torneira antes que a água acabasse (ou seja, antes que a ruína do banqueiro fizesse desaparecer o dinheiro que ele tinha legado)!

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 15 de Janeiro de 2008

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

PROVA Nº 5

SONHO OU PESADELO?

Original de DANIEL FALCÃO

Pouco passava da meia-noite. Não havia forma de a insónia que se estava a manifestar naquela noite se retirar para bem longe. Foi nessa altura que me apercebi que alguém tinha colocado sobre a mesa, situada ao lado do sofá em que estava refastelado, um dos romances da rainha do crime: “O Crime do Expresso do Oriente”. É claro que já o tinha lido demasiadas vezes, mas foi exactamente por essa razão que recomecei a minha enésima leitura. A minha esperança era que, sendo conhecedor da trama, o sono chegasse rapidamente e pudesse finalmente descansar.

Infelizmente, nada do que previra acontecera. A minha leitura já se prolongava há quase três horas e a insónia permanecia bem presente. O que fazer? Bom, se o sono não aparecia, iria passear um pouco, pois podia ser que encontrasse alguém que estivesse a padecer o mesmo sofrimento.

A praia ficava muito próxima da casa de férias que alugara e foi por isso mesmo que decidi passear no areal. O areal àquela hora era imenso, visto que a maré tinha vazado completamente. O que tinha uma vantagem: a probabilidade de tropeçar em alguém era substancialmente reduzida.

Enquanto caminhava pelo areal, comecei a escutar sons de música provenientes de uma vivenda muito perto da praia. A música ia-se escutando cada vez com maior nitidez, conforme me ia aproximando. Já estava a trautear a melodia que escutava, quando me apercebi que se tratava de uma canção original de Michael Bublé intitulada “Save the Last Dance for Me”. Ao passar pela vivenda, reparei que muitas das jovens que dançavam no jardim exterior envolviam o seu corpo com páreos e, além de grinaldas na cabeça, traziam colares de conchas e de flores de tiaré. “Uma festa taitiana!” – foi o que pensei.

A minha caminhada continuou, até que voltei a ter na minha companhia apenas os muito leves ruídos nocturnos. Inesperadamente, escutei o som de um disparo. O som que escutara proviera algures da vivenda ao lado da qual passava naquele preciso momento. Corri imediatamente nessa direcção na expectativa de surpreender quem disparara. Demorei apenas um par de minutos a encontrar o local onde estava a pessoa que fora vitimada pelo disparo.

Boiando na piscina da vivenda, mas muito próximo da borda, lá estava um corpo no qual pude observar, graças à luminosidade lunar proveniente da Lua Cheia, o local bem no meio da testa por onde

entrara a bala fatídica. Não pude deixar de reparar na água límpida da piscina, convidativa para um mergulho.

Preparava-me para telefonar às entidades competentes, dando conhecimento da ocorrência, quando apareceu um indivíduo com um aspecto muito estranho. Este, sem que eu lhe tivesse dirigido a palavra, disse-me que escutara um tiro e perguntou o que havia acontecido. Antes de lhe responder, prossegui o meu telefonema. Só depois de executar os procedimentos habituais, naquele género de situação, é que me dirigi ao sujeito.

Depois de me identificar, coloquei-lhe uma série de questões. Pelas suas respostas, fiquei a saber que aquele homem que usava óculos fumados e um laço ao pescoço, era de nacionalidade brasileira, chamava-se Xico Surucucu e vivia há já cinquenta anos na cidade de Tavira. Naquela noite estivera num casino, na companhia de mais alguns amigos, onde as coisas não lhe tinham corrido muito bem. Acrescentou que apanhou um grande susto, o que era especialmente complicado no seu caso particular, visto que sofria de insuficiência cardíaca e tinha uma arritmia diagnosticada como supraventricular.

Foi precisamente depois destas declarações que escutei, primeiro de uma forma muito ténue, mas depois de uma forma mais vigorosa alguém a chamar-me pelo nome...

– ... Aranha... Aranha... Aranha....

– Sim? O que se passa?...

– Acorda, pá! O que te deu para adormeceres?...

Só então verifiquei que estava sentado num sofá, no renovado Clube do Aranha, rodeado por vários amigos. Entre as mãos, tinha o resultado de um trabalho elaborado pelo Daniel e dedicado aos concorrentes da secção PÚBLICO-Policiário. Afinal, tudo não passou de um sonho (ou seria antes um pesadelo?).

Já completamente acordado, resolvi partilhar o sonho com os meus amigos.

– Eh, pá! Mas que interessante. Com certeza, apercebeste-te facilmente das inconsistências presentes no teu sonho...

– Claro que sim! Por isso mesmo, espero que ponham os vossos dotes de detectives amadores em acção e que me indiquem quais são, na vossa opinião, essas inconsistências.

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 1 de Janeiro de 2008

SOLUÇÃO

Este enigma, dedicado ao Inspector Aranha (actualmente Zé dos Anzóis) convoca os textos das provas que constituíram o Campeonato Nacional 2006-2007, promovido pela Secção PÚBLICO – Policiário, sob a orientação de Luís Pessoa (ou, se quiserem, Inspector Fidalgo).

As inconsistências, que até poderiam ser oito, tantas quantas foram as provas do Campeonato Nacional, são quatro:

(1) A rainha do crime, Agatha Christie, não tem nenhum romance com o título indicado: “O Crime do Expresso do Oriente”. Existe, isso sim, “Um Crime no Expresso do Oriente”.

(2) A canção “Save the Last Dance for Me”, embora cantada por Michael Bubl , em 1960, não é um dos seus originais. Foi composta por Doc Pomus e Mort Shuman, em 1960, para os Drifters.

(3) Por um lado, quando o Aranha saiu de casa, seriam aproximadamente 3 horas (tinham passado quase três horas após a meia-noite) e a maré já vazara completamente. Por outro, quando o Aranha observa o corpo na piscina refere a luminosidade proveniente da Lua Cheia. Acontece que, por volta daquela hora, em qualquer dia do ano: se está Lua Cheia, a maré está em preia-mar; ou, se está baixa-mar, a Lua estará em Quarto Minguante ou em Quarto Crescente. Logo, não   possível, simultaneamente, a maré ter vazado completamente e estar Lua Cheia.

(4) O tiro escutado pelo Aranha não foi o responsável pela morte da pessoa encontrada na piscina, pois não aparece sangue em lado nenhum: nem a escorrer do buraco de bala no meio da testa, nem na piscina cuja água está límpida. Assim, aquela pessoa foi morta noutro local e lançada, depois, dentro da piscina. Só que... um corpo morto lançado   água não fica a boiar; afunda imediatamente.

E pronto, estes são os pormenores essenciais; outros haverá que permitirão aos três Z s distinguir as melhores soluções.

Mundo dos Passatempos – O Almeirinense de 15 de Janeiro de 2008

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

PROVA Nº 6

O INSPECTOR FIDALGO E O MORTO NO RIBATEJO

Original de LUÍS PESSOA

O Sebastião apareceu morto.

Naquele local ermo e calmo, algures no interior do Ribatejo, em zona onde muitas vezes os nevoeiros têm o seu reinado, um nome como o dele prestava-se a brincadeiras a propósito da lenda que mostraria um Sebastião a aparecer numa manhã de nevoeiro...

Diziam-lhe os amigos para ter o cuidado de nunca aparecer quando os nevoeiros tapassem a planície, pois poderia acabar em rei... sem trono!

Sebastião não era rei de coisa nenhuma.

Filho de um modesto caseiro de uma propriedade abastada, teve a sorte de vir ao mundo com dois palmos de cara e assim conquistar a filha do senhor das terras, algo que não era, como é óbvio, muito bem recebido por este.

Daí que estivesse proibido de aparecer na parte da casa dos senhores, o que não impedia, ao que se dizia, alguns encontros furtivos.

Naquela manhã, Alarcão, proprietário e pai de Carolina, levantou-se cedo, cerca das 7 horas e, como declarou mais tarde à polícia, não viu nada, porque o nevoeiro ali é mesmo cerrado e também não ouviu nada estranho, nem os cães deram sinal, pelo que foi logo fazer aquilo que mais gostava, ou seja, tratar dos seus cães, mas muito rapidamente porque ainda era muito cedo e o vento gelado cortava a cara.

O casarão ficava na parte da frente do terreno, ainda a considerável distância da estrada e era vedado em todo o seu perímetro por muros altos. Na parte de trás do terreno, fora dos muros, estava a casa do caseiro, onde vivia Sebastião.

Todo o terreno estava isolado de outros, uma vez que havia pinhais em toda a volta, excepto na frente, onde passava a estrada. Do lado direito, havia um caminho que dava acesso à casa do caseiro, ao longo do muro compacto, de mais de 100 metros, apenas interrompido, quase no seu extremo, por um portão que era usado por todos os que da casa do caseiro iam ou vinham para a casa do Alarcão. Foi por volta das 8 horas que a mãe do moço deu com ele sem vida, quando o foi chamar para o pequeno-almoço.

Os pais de Sebastião não deram por nada, segundo declararam, o mesmo acontecendo com os

moradores da casa de Alarcão. Os vizinhos mais próximos, do outro lado do pinhal, disseram que apenas ouviram os cães em grande algazarra, por volta das 7 e meia, como sempre faziam, quando o seu dono regressava a casa depois de alguma ausência e o vento estava de feição.

O padeiro da aldeia, que circulava por ali, como sempre fazia por volta daquela hora, na faina de levar o pão de porta em porta, declarou que não deu nota de nada e que só viu, ao olhar da estrada, o senhor Alarcão a caminhar em direcção a sua casa, vindo dos lados da casa do caseiro, ainda não eram 8 horas.

A polícia interrogou-o durante algum tempo. Sabia-se que Sebastião namorara com a filha dele durante muito tempo e que chegaram a ter data marcada para o casamento, mas a chegada da filha de Alarcão fez cair por terra todos os planos. O interrogatório não revelou muito mais.

A filha do padeiro, por seu lado, declarou não saber nada sobre o assunto, já que nessa madrugada e manhã estivera com a mãe a fazer o pão que o pai levava a casa das pessoas, o que se confirmou.

Alarcão manteve a sua história e mostrou-se muito ofendido por alguém alimentar sequer a suspeita de que ele seria capaz de fazer tal atrocidade ao moço, mesmo querendo, como ele queria, que ele largasse a sua filha, de vez.

O Inspector Fidalgo não precisou de muito tempo para descobrir que alguém não dizia toda a verdade nesta história e que, apesar do Sebastião jamais poder surgir do nevoeiro, esse alguém também não o poderia fazer durante muito, muito tempo...

Caro detective: O Inspector Fidalgo sabe que não fez nada de especial para decifrar este caso e cabe-lhe a si demonstrá-lo! Elabore um relatório, sem se esquecer que não basta dizer quem mente. É preciso justificar, apresentando provas.

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 1 de Fevereiro de 2008

SOLUÇÃO

Na realidade, o Inspector Fidalgo não fez nada de especial na resolução deste caso. Numa primeira análise, é necessário ler muito bem o texto, situar a cena, tendo em linha de conta os diversos factores, nomeadamente:

- Espaço temporal e condições climatéricas: É de dia ou de noite? Está a chover ou faz sol? Está enevoado, há nevoeiro? Há vento e de onde sopra? A que horas se passa a acção? etc.;

- Personagens e sua colocação na cena: Quantos intervenientes há? Onde estão e o que fazem? Que intervenção têm na acção?

- Local e suas características: Onde se passa a acção? Em local de fácil acesso ou difícil? Há obstáculos a vencer em certas condições, por exemplo em caso de chuva, de neve, etc.

- Factores externos: Há animais que possam dar alarme? Há sistemas de segurança eléctricos ou electrónicos que apenas possam ser iludidos por quem os conheça?

- Testemunhas visuais, auditivas ou outras: Quem esteve no local que possa fornecer elementos? Quem estava suficientemente perto para ouvir sons que se possam relacionar com o que está na cena?

- Oportunidades: Quem teve oportunidade de praticar o acto, que encontros e desencontros teria de haver para correr bem a acção a cada um deles?

No nosso caso, temos um crime cometido em zona não fechada e portanto, à priori, sem dificuldades especiais de acesso.

Alarcão diz que estava nevoeiro cerrado; que o vento era gelado e quase cortava a cara; que foi tratar dos cães muito rapidamente; que não ouviu nem viu nada.

Os pais do jovem não deram por nada e encontraram o moço, por volta das 8 horas.

O padeiro afirma ter visto o Alarcão a regressar lá do fundo, ainda antes das 8 horas.

Os restantes moradores da casa de Alarcão não notaram nada.

Os vizinhos do outro lado do pinhal referem a algazarra dos cães depois das 7.30 horas, que só poderiam ouvir-se se o vento estivesse de feição.

A filha do padeiro está totalmente posta de lado.

Há evidentes contradições entre depoimentos, a saber:

Alarcão refere nevoeiro cerrado e o vento gelado. Vento e nevoeiro não combinam. Com vento, o nevoeiro não se forma ou, já existindo, dissipa-se rapidamente.

O padeiro afirma ter visto Alarcão a regressar de casa do caseiro para a sua. Com nevoeiro cerrado, isso não seria possível porque a distância era grande.

Os vizinhos declararam que os cães fizeram a algazarra própria de quando o seu dono regressava a casa, mas só era audível quando o vento soprava... Portanto, afastada a hipótese de haver um conluio entre Alarcão e os seus vizinhos, por ilógica e não razoável, para que estes ouvissem os cães era necessário que houvesse vento, portanto sem nevoeiro (que mais ninguém refere); logo, ao encontro do depoimento do padeiro, que também confere com o regresso de Alarcão a casa e a algazarra dos cães, que o padeiro não refere por estar longe (a estrada era distante) e por soprar vento que levaria o som para o outro lado do pinhal, portanto, não na sua direcção. Os cães fizeram algazarra por detectarem que o seu dono estava por ali.

Ficamos, pois, com o culpado – o Alarcão. Em grande parte por mentir, mas também por ter a oportunidade, o tempo disponível e por a sua versão não encaixar nos depoimentos dos restantes intervenientes, cujas afirmações se complementam, sem erros.

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 15 de Março de 2008

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

PROVA Nº 7

O MISTÉRIO DO RELÓGIO DE CUCO

Original de RIP KIRBY

O professor Ludgero Silveira era um milionário e filantropo que havia dedicado a sua vida e fortuna ao ensino especial, tendo, para isso, fundado um colégio onde crianças e jovens, portadores de variadas insuficiências, recebiam a instrução adequada. Além disso, outras organizações lhe deviam a origem ou o apoio. Por tudo isso, eram numerosas as comendas e condecorações que, ao longo da sua vida, lhe foram atribuídas.

Era também um conceituado charadista, cruzadista, xadrezista e damista, tendo em todas estas modalidades recebido numerosos troféus, que enfeitavam uma estante na sua casa.

Tudo isto foi anunciado nas estações de rádio e televisão no dia em que ocorrera o seu falecimento, aos 95 anos de idade. Todas estas qualidades eram já do meu conhecimento. Afinal, o falecido era meu conterrâneo e tio do Sargento Silveira.

Contudo, o professor, apesar da toda a sua inteligência, tinha uma fraqueza supersticiosa pelo número 3 e pelo triângulo. Dizia ele que o triângulo era um símbolo de força e poder. Por isso, ele, apesar de se afirmar um ateu endêmico, não tinha pejo em afirmar que a força do Cristianismo estava na Santíssima Trindade. Por esse motivo, ele tinha também um carinho especial pelo Eduardo. Costumava dizer-lhe que o apelido que ela carregava consigo haveria de o levar longe na profissão que escolhesse.

Alguns dias após a morte do professor, o Silveira convidou-me para assistir à abertura e leitura do testamento do tio. Contrariado, aceitei e é por isso que, agora, estou aqui sentado entre o sargento e o inspector Trindade (que também foi convidado), no meio de uma multidão desconhecida para mim, nesta sala da casa que foi a moradia do professor.

A biblioteca fora o local escolhido para se proceder à leitura do testamento e, enquanto isso não tinha o seu início, entretive-me a estudá-la.

Na parede de um dos topos, aquela que se encontrava na minha frente, por cima da mesa de trabalho, encontrava-se um retrato do professor, pintado por um artista seu conterrâneo. A ladeá-lo, emoldurados, viam-se os numerosos diplomas dos cursos frequentados, em Portugal e no estrangeiro, pelo professor. Num dos cantos da sala, estava uma vitrina onde se viam os troféus ganhos nas

modalidades já referidas. No canto oposto, outra vitrina continha as condecorações com que o professor havia sido agraciado.

Na parede do lado direito, havia várias janelas que davam para uma varanda, para lá da qual se via o jardim. Nos espaços entre as janelas, havia estantes repletas de livros.

Na parede do lado esquerdo, entre duas portas que davam acesso a outras dependências da moradia, havia mais estantes com livros e obras de arte.

Na parede que ficava nas minhas costas, havia uma fotografia aérea da cidade natal do professor e um grande relógio de cuco, artisticamente trabalhado. Este relógio era obra de um irmão do professor, também já falecido, apaixonado por mecânica e relojoaria. Era dotado de dois pesos, de tamanho proporcional ao relógio – um que accionava o mecanismo que fazia girar os ponteiros e o outro destinado a accionar o carrilhão.

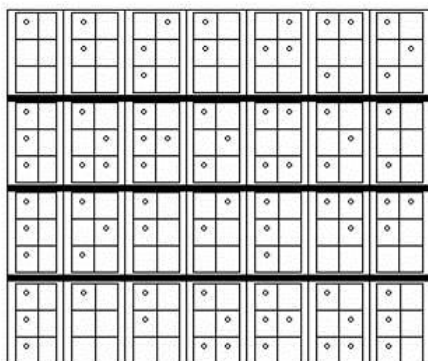
Finalmente, o Dr. Peres Monteiro, advogado do professor, tomou lugar na secretária, retirou de uma pasta, que transportava consigo, um envelope de formato A4, que mostrou para todos verem que os três selos de lacre se encontravam intactos. De dentro deste envelope, retirou outros cinco mais pequenos, que observou, rapidamente. Pegou num deles que também mostrou, para que víssemos que se encontrava lacrado e dirigido à sua pessoa, com a referência de confidencial.

Abriu-o e leu em silêncio a folha que retirou de dentro. Acabada a leitura, disse:

“Nesta carta, que me foi endereçada, sou informado de que o testamento se encontra escondido, algures, nesta moradia.”

“Tenho aqui quatro envelopes, dirigidos a cada um dos sobrinhos do meu cliente, nos quais é fornecida a pista para a descoberta do testamento. Devem verificar que se encontram lacrados. Analisem o seu conteúdo, sem tecerem, entre vós, qualquer comentário a seu respeito.” Chamou, de seguida, os quatro presumíveis herdeiros, entre os quais o Sargento Silveira.

O Sargento levantou-se quando foi chamado, recebeu o envelope que lhe correspondia e voltou, sentando-se, agora, entre mim e o Eduardo. Abriu o envelope que continha uma folha de papel, datada de dois anos atrás, onde estava desenhada a tabela reproduzida abaixo (ver Nota).



Nota: Os pequenos círculos eram pintados de negro, o que lhes dava um pequeno relevo.

Por alguns momentos, olhámos o desenho; depois, sem soltarmos palavra, retirámos dos bolsos as nossas agendas e canetas e começámos a escrever.

Durante largos minutos ou horas, o silêncio reinou na sala e só foi quebrado quando, no relógio de cuco, soaram três badaladas. “Só três horas!” Exclamou alguém.

“O relógio está atrasado duas horas”, esclareceu Maria Isabel, que vivera com o professor até à morte deste. “Há mais de dois anos que ele se atrasa quase três horas em cada 24, mas o tio nunca autorizou que se mandasse reparar a avaria”.

Escutando esta informação, o sargento Silveira, que já tinha parado de escrever e que tinha a mesma paixão que o pai pela relojoaria, levantou-se e foi até junto do relógio, que analisou detidamente. De repente, exclamou:

“Cá está!” E ergueu, na mão direita, um relativamente fino rolo de papel, atado com uma fita e lacrado, que entregou ao advogado.

O advogado quebrou o lacre, desenrolou o rolo, que observou durante um minuto e disse:

“Portanto, já temos na nossa mão o testamento do meu insigne amigo e cliente Professor Doutor Ludgero Silveira.” Passou a ler...

...Não vamos ficar escutando a leitura do testamento, o que é sempre maçador para aqueles que não são beneficiados por ele; e nós, certamente, não seremos.

Apenas queremos que nos digam o significado desta tabela. Queremos também que nos digam, pormenorizadamente, onde o sargento encontrou o testamento. E, para completar a informação, agradecemos também que nos digam o que levou o sargento a concluir que o testamento estaria exactamente onde o encontrou.

Mundo dos Passatempos – O Almeirinese de 1 de Março de 2008

SOLUÇÃO

(extracto da solução de AVLIS E SNITRAM)

“Braille”, Louis. Pedagogo francês (1809-1852). Era cego. Inventou um alfabeto para utilização dos invisuais. A escrita Braille, de uso internacional, consiste em seis pontos assinalados em relevo, usados para constituir 63 variantes, que formam o alfabeto; lê-se tocando os sinais com os dedos” (in “Dicionário Enciclopédico” – Diário de Notícias – Vol. 1 – A a H págs. 262/263).

A tabela apresentada no fim do texto apontava para o alfabeto Braille. E, se algumas dúvidas houvesse, a nota que se lhe seguia – “Estes pequenos círculos eram pintados de negro, o que lhes dava um pequeno relevo” – desfazia-as de imediato. (...) Feita a transposição, eis o resultado:

ABSBJMO || LZROXOK || LOBILDF || LABZRZL

Grande desilusão! A mensagem que esperávamos mantinha-se bem escondida. O autor utilizara uma escrita secreta, para tornar mais difícil a solução: Criptografia, pela certa! Havia que pedir ajuda aos mestres. Do ABC Policial nº 3, de A. Varatojo, respigo, a págs. 54:

“3 – O género de cifra empregado. Os métodos mais comuns são:

O de inversão: cada letra do texto substituída por um alfabeto convencional.

O de transposição: a ordem das letras é baralhada.

O de dicionário: cada palavra é substituída por um número, de acordo com um código cifrado de que dispõem ambos os correspondentes”.

Fiquemos, para já, com o primeiro: o de inversão. Cada letra do texto substituída por...

Substituímos o A pelo B? O B pelo C? O S pelo T? Continuamos a zero. Vamos reler o problema, com mais atenção, se possível. E algo salta à vista:

“O professor, apesar de toda a sua inteligência, tinha uma fraqueza supersticiosa pelo número 3 e pelo triângulo...

... a força do cristianismo estava na Santíssima Trindade

... tinha um carinho especial pelo Eduardo (Trindade)

...o apelido que ele carregava consigo (Trindade) haveria de o levar longe na profissão.”

Com a ajuda do citado ABC Policial – e as linhas acima – desconfiamos que o sistema utilizado foi uma conversão mono-alfabética de cifra 3 – três lugares a seguir. Vejamos o resultado:

Alfabeto normal: ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

Letra correspondente três lugares a seguir: DEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZABC

Retomemos a mensagem não entendida. Vamos substituir, na mensagem, as letras pela correspondente três lugares a seguir – (ex.: o A passa a D; o B passa a E, etc.):

ABSBJMO = DEVEMPR

LZROXOK = OCURARN

LOBILDF = ORELOGI

LABZRZL = ODECUCO

Fez-se luz! “DEVEM PROCURAR NO RELÓGIO DE CUCO”

Era a pista para a descoberta do testamento.

(extracto da solução de Nove)

“As instruções relativas à descoberta do testamento datavam de dois anos atrás. O relógio de cuco, para onde elas apontavam, atrasava-se quase três horas por dias, há mais de dois anos, sem que o professor Ludgero Silveira autorizasse a sua reparação. Ficou assim estabelecida uma muito provável relação de causa e efeito: o relógio atrasava-se por causa do testamento lá escondido e o falecido nunca antes permitira a respectiva reparação, porque isso levaria à descoberta antecipada do documento.

(...) A regulação dos relógios de cuco, que se atrasam ou adiantam, nunca é feita através de qualquer ajuste das pinhas, nomeadamente por remoção ou junção de quaisquer pequenos pesos. Para regular os relógios, vai-se à unidade cronométrica, ao dispositivo de pulsar sempre igual e que, nos relógios de cuco, é, quase sempre, um pêndulo. Subindo ou descendo o peso do pêndulo – ou, por outras palavras, diminuindo ou aumentando a distância entre o centro de gravidade do conjunto pendular e o eixo de oscilação – põe-se o relógio a trabalhar mais depressa ou mais devagar e, o que é mais importante, sempre de maneira regular.

O testamento colocado num ponto onde provocasse atrito, levando qualquer engrenagem a andar um pouco mais devagar, não teria como resultado um atraso sempre igual, todos os dias, ao longo de dois anos. A força de atrito não se manteria constante, nem durante um dia. O comportamento, em princípio, seria errático e culminaria, talvez, com uma paragem ou um feliz regresso à normalidade.

O pendular atraso de um relógio, como o adjectivo indica, só pode provir do seu pêndulo, ou de algo que o substitua. Um relógio que se atrasa (ou adianta) o mesmo todos os dias e ao longo de dois anos terá como único mal, portanto, a deficiente regulação da sua unidade cronométrica.

Deste modo, o Sargento Silveira teve de parar o pêndulo e tirar de lá o testamento que estaria escondido atrás do seu peso. Da colocação do testamento resultou um abaixamento do centro de gravidade do módulo pendular e daí um atraso sistemático e sempre igual do relógio.”

Mundo dos Passatempos – O Almeirinense de 15 de Abril de 2008

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

PROVA Nº 8

SORTE RIMA COM MORTE

Original de M. CONSTANTINO

Medíocre advogado obcecado pela “roleta”, Vaz hospedava-se no Hotel Heldo I, três vezes por mês, para jogar... se é que, por motivos óbvios, não partia no primeiro... Naquela noite, entrou febril no Casino, atirou uma ficha de €100... viu a bolinha saltitar na roda, parar: ganhou! Sem forças deixou que as fichas se acumulassem, sempre a ganhar. Um saco de plástico veio parar-lhe às mãos. Despertou? Recolheu a colheita, trocou-a por dinheiro sólido, resistindo ao crédito para o dia seguinte. Queria ser rico, um só dia que fosse! Quase meio milhão! Pediu dois vigilantes para o acompanharem ao hotel. Levantou a chave na recepção, subiu com os dois homens, abriu a porta do quarto. Heldo, que na “sala de repouso” tirava um livro da última prateleira, ouviu vozes, espreitou e viu o hóspede tirar duas notas de €500 para cada um dos acompanhantes, sorrir, entrar e fechar a porta. Heldo desceu com os homens, que conhecia do Casino e soube do sucesso. Deitou-se, satisfeito. Vaz acendeu as luzes, estendeu as notas, como uma criança, contou-as e recontou-as, saudou as luzes do Casino através do vidro da janela, colocou o saco na mesa de cabeceira e, exausto, atirou-se para a cama, vestido, feliz, sorrindo para ninguém... Adormeceu. Sonhou. Uma luz sobre os olhos que tentou proteger, um véu rubro, pesado, a transformar-se em negro... no subconsciente a apagar-se, uma última reflexão: “sorte, rima com morte”!

Oito e meia da manhã. Amália, a servente dos quartos, saiu do quarto 10 e entrou no 9 com uma braçada de toalhas limpas para, como de costume, as trocar na casa de banho. Momentos depois, gritos: encontrou Vaz, morto! A irmã de Heldo, que vinha do quarto 4, seu e dos velhos pais, chamou o irmão e este a GNR; de seguida, fez um telefonema extra. O Director da Judiciária não era homem de “pedidos”, mas Heldo era seu irmão. Cerca de duas horas depois, o Inspector Cabral, mais conhecido por Inspector Aranha, pela facilidade impressionante como se movimentava nas teias do crime (segundo ele próprio um vulgar Zé dos Anzóis), chega junto de Heldo e do Tenente, que aguardavam. Este último fez um breve resumo do caso, tendo procedido às primeiras diligências com o seu pessoal: impressões digitais, vestígios, exame legal, “sem mexer no corpo”. “Certo, certo, só a hora da morte... Deixámos tudo como encontrámos.” Parecia aliviado por deixar o assunto “em boas mãos”. Cabral, decidido, subiu ao 2º andar e, guiado por Heldo, que lhe narrava a ocorrência, entrou no quarto, utilizando a chave que o Tenente lhe entregara.

As luzes estavam acesas. Reparou nas toalhas lavadas, que não chegaram a ser utilizadas, na mesa junto aos pés da cama, colocada no sentido do seu comprimento, com a cabeceira junto à parede do banheiro, na qual jazia a vítima com o rosto esfacelado. Sangue seco espalhara-se no peito e lençóis; a mão esquerda junto ao rosto; via-se o relógio de pulso destruído e os ponteiros, encravados no mostrador, marcavam 2h45. A arma do crime, um cinzeiro de pedra, pesado e rugoso, estava no chão, assinalado com um círculo a giz. A janela de vidro fechada com ferrolho em baixo, persianas meio descidas. Abriu-a e passou para o amplo terraço, comum com o quarto 11 mas separado por um muro de azulejos de 2,30 metros, impossível de transpor sem escada, aliás sem sinais de escalada. “Todos os quartos do nascente, nos 2º e 3º andares, têm esta disposição, para banho solar, mas em nenhum andar coincidem” – informou Heldo, que prometeu uma planta.

Fixando pormenores, abriu o guarda-roupa com um fato tipo smoking no cabide, calça e casaco, sapatos pretos, meias, cuecas, um lenço na mala de viagem aberta. Do dinheiro, nem sombra! Na saída, entrou na casa de banho, salpicou de água oxigenada a pia – sem resultado, se bem que quem matara tivesse de sujar-se de sangue! Foi ouvir Amália ao quarto de Marta, irmã de Heldo. Surpreendeu-se. Sem maquilhagem, olhos vermelhos de choro, morena, esbelta, blusa branca e saia preta, pernas bem torneadas terminando nuns sapatos “Gucci” de salto alto... era uma linda mulher! Sondou-a e deixou-a ir para casa, a pedido de Heldo. Para este, Amália era insuspeita. Cabral indagou se suspeitava de alguém. O visado encolheu os ombros, hesitou, depois lembrou quatro hóspedes gémeos que sempre que por ali passavam havia roubos nas redondezas. Desceram. O recepcionista, irmão e sócio de Heldo, estivera toda a noite acordado; ele e o porteiro mantinham um eterno torneio de xadrez, só interrompido pela chegada de hóspedes. Acredita que o culpado habita o 2º, pois o 1º é a sala de jantar, os restantes estão desabitados nesta época. Ninguém pode subir, nem subiu, sem passar pela recepção. Amália entrou por uma porta lateral do r/c às 8h00, passou para levar a chave antes de subir. Não distingue os gémeos (nos BI’s as fotos e digitais são iguais, como eles). Regista os nomes que lhe dizem: Albino, Betino, Celino e Delfino. Sabe que o mais velho (o que nasceu primeiro) tem um sinal no polegar direito, que os outros lhe obedecem sem querela. Um foi actor teatral, conhecido pelo “sempre actor”. Os quartos? Números 11, 12, 15, o que vem com Amélia ocupa o 8. Foi buscar um caderno onde se apontam o tempo das jogadas (para desempate) e registo de interrupções. Vaz entrou à 1h35; minutos depois, foram levantadas as chaves do 11 e do 15; Amélia e o parceiro entraram às 2h10; o gordo do 5, bêbado como sempre, às 3h20, e o do 12 às 3h35. O gay rico do 7 e a dançarina do Casino, do 3, não entraram. Os gémeos saíram às 7h30 para Coimbra, vêm almoçar. Cabral recebeu a planta do prédio e a chave mestra que estava em poder de Amália.

Subiram. Começou pelo 8; nada de interesse, excepto as duas camas unidas para o casal; seguiu-se o 11, aparentemente em ordem. Notou um cheiro a queimado, não de tabaco – algo fora queimado. No balde metálico dos papéis deparou com um resíduo de cinza inidentificável – papéis ou tecido, o qual recolheu para um envelope próprio. Ia a sair, parou, tirou da pequena mala a tiracolo um tubo, derramando o conteúdo no puxador da porta de ambos os lados, comentando: “Este, pelo menos, vamos saber quem é!” No 12, um apartamento de luxo, nada existia de interesse. No 15, idem, apenas uma revista “Art”, com folhas dobradas em algumas páginas, e foi tudo. Heldo indicou que os 13 e 2 estavam vagos, o 10 era ocupado por um casal de idosos que não quiseram ir para um lar, o 6 era do Notário e esposa, presentemente em férias. O 1 servia provisoriamente de roupeiro. Dirigiram-se à “sala de repouso”, na sequência dos quartos 12 e 15, quando o telemóvel de Heldo anunciou a chegada dos gémeos que bebiam um aperitivo por conta da casa. Sabiam da ocorrência pois toparam com Amália (um imprevisto contrariador para Cabral). Rapidamente, decidiu: Heldo dir-lhe-ia que o Inspector esperava na sala anexa dentro de 20 minutos. Entrou! Uma prateleira frontal cheia de livros até ao tecto fê-lo passar a mão suavemente sobre as lombadas, mesas com tabuleiros de damas e xadrez, cadeiras e sofás individuais. Escolheu uma mesa rectangular, colocou duas cadeiras no lado direito, uma à esquerda e duas nos topos, ocupando uma delas. Sensivelmente à hora indicada, entraram quatro clones em fila indiana: mesmo rosto, mesmo físico, barba negra (razão de não encontrar objectos de higiene), fatos azuis, gravatas, excepto um, que usava laço preto... Antes que tivesse tempo de ordenar a colocação, o primeiro da fila sentara-se na sua frente, o do laço à esquerda, e os outros nas cadeiras restantes. Olhou-os; ninguém pronunciava palavra. Notou que todos tinham um sinal no polegar, o do laço ostentava os vestígios da armadilha no puxador. Começou por este mas dirigindo-se a todos: “Sou da Judiciária, não tenho uma acusação, gostaria apenas de ouvir-vos... houve um crime e desapareceu dinheiro...”

Interrompendo, o que estava à sua frente respondeu, gesticulando, teatralmente: “Que diabo! Sempre o dinheiro! Parece que não sabem falar noutra coisa se não em dinheiro, dinheiro! Só sabem dizer dinheiro! Só conhecem a palavra dinheiro...” Cabral fê-lo calar com um gesto. Voltou ao primeiro que respondeu, com desembaraço: “Sou o caga-no-ninho da família, trabalhei no circo (abriu a camisa para mostrar uma tatuagem “Star Circo”), falhei. Sou jogador, faço trapaça, há que viver. Matar? Desde que seja num aperto...” O da cadeira à minha direita, observou: “Sou perito de uma Companhia de Seguros, pintura clássica, arte sacra e régia. Poderia facilmente roubar um Rubens ou um Renoir que valeria milhões, mas para quê, se não poderia vendê-lo ou expô-lo. Sou um admirador de D. José, o reconstrutor de Lisboa. Prefiro pensar em ter na cabeça, por um só dia, a coroa que esse Rei usava... que

satisfação!” Apontou para o segundo à direita, mais afastado. Este engoliu em seco, mas com altivez referiu: “Fui professor de português num Liceu da Capital! Expulso. Ao meu ver, tem um problema sério, Inspector.” Voltou-se para o irmão: “Tu, irmão, és um dos que desejas uma coroa... eu, uma mulher! Tenho que ir fazer um telefonema para Amélia... com licença!” Levantaram-se e saíram.

Cabral ficou sentado, pensativo. Levantou-se e saiu, avisando na recepção que almoçava fora e assim fez, calmamente. Andou em volta do Hotel, foi até à praia... a cada passo encaixava uma pedra na muralha do pensamento. Quando olhou o relógio, eram 17h30. Amália, renovada, estava no bar ao lado da recepção a tomar um martini: “Então, Amália, já descansou?” A moça sorriu, não respondeu. Ia insistir, quando uma voz atrás de si pronunciou baixo: “Deixa a moça em paz, amigo!” Voltou-se. Não havia ninguém. Muito afastado, apenas o empregado, que lavava copos. Ia interpellar a moça, quando esta lhe entregou um papel que acabara de rabiscar... “Sou surda-muda, desculpe.” Ficou atónito. A moça já subira. Esperou pelo elevador e foi refugiar-se na “sala de repouso”. Com toda a discrição, como lhe recomendaram, entregou ao Tenente as suas conclusões. Helder entrou e subiu a pequena escada de alumínio, para recolocar o livro que tirara na véspera; ao descer, reparou no investigador e dirigiu-se-lhe: “Então?” “Tudo resolvido”, respondeu o Inspector.

E os leitores? Será que decidiram da colocação de cada um dos gémeos nos quartos, do seu carácter, por quem e como foi praticado o crime?

Mundo dos Passatempos – O Almeiricense de 1 de Abril de 2008

SOLUÇÃO

Pacientemente, Cabral elucidou um Heldo boquiaberto. Pouco interessa quem ocupava este ou aquele quarto. Se necessário, o Tenente pode providenciar a exigência de impressões digitais de cada um – até os gémeos univitelinos, como é o caso, têm impressões digitais distintas. Em todo o caso, posso dizer-lhe: o ocupante do quarto 11 é o Delfino (o culpado), detectado pelo azul do oximetano que deixei no puxador e ele próprio diz que é o “caga-no-ninho” – expressão que se usa para designar o último da família e da ninhada de pássaros; no 12, está o mais velho (o que nasceu primeiro), Albino, que usa o apartamento de luxo, é o mandante, como vi na entrada em fila indiana e o primeiro a falar. Para mais, é o “sempre actor”! Até mesmo na sua declaração (Que diabo! Sempre o dinheiro! Parece que não sabem falar noutra coisa se não em dinheiro, dinheiro! Só sabem dizer dinheiro! Só conhecem a palavra dinheiro...) interpretou, deficientemente, Harpagão – acto III, cena V de “O Avaro”, de Molière; no 15, estará Betino ou Celino, pouco importa – são dois aldrabões de 1ª classe. Nem o ocupante do 15 é perito em arte sacra e régia (classificação muito estranha para um perito) nem D. José foi o reconstrutor de Lisboa (tarefa devida ao Marquês de Pombal, que se serviu – entre outros – do Arquitecto Eugénio dos Santos) e até um leigo sabe que, após D. João IV (que, em 1646, tornou Nossa Senhora da Conceição Padroeira de Portugal, colocando a sua coroa na imagem), nenhum rei vindouro mais usou, na cabeça, a coroa, que era colocada, simbolicamente, no trono – aparecendo, também, nas pinturas, ao lado do Rei! Nem o ocupante do 8, amante da donzela, foi professor; um professor de português não diz “ao meu ver”, “és um dos que desejas” e “tenho que ir fazer”. Dirá “a meu ver”, “que desejam”, e “tenho de ir fazer”...

Mais... Lembra-se de ver Amália e Amélia juntas? Basta de gémeos! Amélia nunca existiu. Tive a primeira desconfiança quando interroguei Amália – não é natural uma criada usar caríssimos sapatos “Gucci”, de salto alto. Posteriormente, quando a vi no bar e ela escreveu que era surda-muda, após uma “partida de ventríloquo”, encaixei alguns tijolos na muralha dedutiva. Parti do princípio de que quem é mudo não pode ser um ventríloquo bem-falante, não é? Depois de encontrar Vaz morto, perguntei-me que necessidade tinha ela de entrar no quarto, quando a casa de banho se situava à entrada?! Porque tinha que fechar a janela por dentro! Aliás, Amália (como qualquer pessoa normal), ao dar com um cadáver inesperado, teria largado as toalhas, espalhando-as... ou tê-las-ia levado agarradas, fugindo! Mas estas estavam arrumadas na mesa, situadas mais à frente. Porquê fechar a janela? É que o parceiro do 11, de combinação com algum ou alguns dos outros, serviu-se da pequena escada de alumínio que acabara de descer, para subir ao muro de separação dos quartos, passar a escada para o outro lado. Não

teve necessidade de partir o vidro, aberto, mas a sua presença acordou Vaz; e ele, num “aperto”, usou o cinzeiro para o calar. Ficou sujo de sangue, usou a camisa e o laço do smoking (lembra-se? Estava em falta!), voltou pelo mesmo sítio, levando o dinheiro. No entanto, era preciso fechar a janela (uma pista). Saíram cedo, levando o dinheiro e as cinzas da camisa e da gravata que foram obrigados a queimar. Amália, que saiu com os outros, mudou de aspecto, entrou pela porta dos criados, foi buscar a chave mestra e fez a sua parte no negócio; não foi fácil lá chegar, mas era a única alternativa...

Mundo dos Passatempos – O Almeirinense de 15 de Maio de 2008

TORNEIO DOMINGOS CABRAL

CLASSIFICAÇÕES

DECIFRAÇÃO

CAMPEONATO NACIONAL

1º TEMPICOS & TEMPICAS	(TROFÉU DOMINGOS CABRAL)
2º KATINHA DA PURIFICAÇÃO	(TROFÉU INSPECTOR ARANHA)
3º INSPECTOR BOAVIDA	(TROFÉU ZÉ DOS ANZÓIS)
4º DANIEL FALCÃO	(TAÇA O GOSTO DO MISTÉRIO / JARTUR)
5º NOVE	(TAÇA ENIGMA POLICIÁRIO 1959 / JORNAL RIBATEJO)
6º AVLIS E SNITRAM	(TAÇA ENIGMA POLICIÁRIO 1959 / REVISTA PASSATEMPO)
7º ONAÍRDA	
8º ARNES	
9º AGENTE GUIMA	
10º FIGALEIRA RIP KIRBY	

MELHORES SOLUÇÕES

1º DANIEL FALCÃO INSPECTOR BOAVIDA	(TROFÉU MUNDO DOS PASSATEMPOS)
3º ONAÍRDA	
4º NOVE	
5º TEMPICOS & TEMPICAS	

